



Boletim de Notícias NS

**NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org**

#1106

25.05.2024 (135)

Michael Kühnen

A segunda revolução Volume II: O Estado Popular

Parte 3

A ideia de império

Existe uma ligação antiga entre as nações do Ocidente e as do Oriente: A ideia de império.

Durante séculos, o poder de ferro das legiões romanas assegurou a unidade da região mediterrânea. Mesmo após o colapso do Império Romano, a ideia de império manteve-se viva - pelo menos enquanto ideia de unidade ocidental. Os seus portadores tornaram-se as raças europeias mais fortes - na parte romana ocidental, as tribos germânicas; na parte romana oriental, após a queda de Bizâncio, os eslavos. No Ocidente, surgiu o Sacro Império Romano-Germânico da Nação Alemã, o Primeiro Império Alemão; no Oriente, o império dos czares russos, que chamavam a Moscovo a Terceira Roma e usavam a águia bizantina de duas cabeças como símbolo.

Os povos germânicos, os eslavos, os romanos, os árabes, os persas e os otomanos são portadores comuns de uma futura unidade desta região. O Islão como elo de ligação entre os povos do Oriente, a reislamização da Pérsia, a unidade racial dos povos germânicos e a dos eslavos conduzem também à ideia de império das partes do mundo europeu e oriental que não foram outrora governadas por Roma.

Apesar de a unidade do velho mundo ter permanecido destruída até aos dias de hoje, após a queda do Imperium Romanum, foram feitas repetidas tentativas para a remodelar:

Na segunda metade do primeiro milénio da nossa era, os árabes unificaram toda a zona sul da região mediterrânica e avançaram até Bizâncio, a leste, a actual Istambul, e até ao sul de França, a oeste. Esta invasão misturou os restos da tradição romana com a nova alta cultura árabe na Europa. O sinal mais evidente desta fertilização cultural é a utilização dos algarismos árabes até aos nossos dias. No domínio da literatura, da língua e da ciência, é difícil imaginar a história intelectual europeia sem a influência árabe.

Os herdeiros do império do mundo árabe foram os otomanos, que conquistaram Bizâncio e fizeram dela imediatamente a capital do seu império. A conquista da Segunda Roma não se ficou por aqui:

Só antes de Viena é que um exército europeu conseguiu derrotar o sultão turco, que se considerava o sucessor dos imperadores romanos orientais. No entanto, até ao final do século XIX, os otomanos dominaram grande parte do sudeste da Europa. Na Primeira Guerra Mundial, alemães e otomanos tornaram-se aliados e, apesar da sua fraqueza militar e política, a Turquia, que ainda dominava toda a Arábia, foi um aliado leal, corajoso e determinado do Império Alemão. Uma vitória alemã na Primeira, tal como na Segunda Guerra Mundial, em que os árabes se aliaram a nós, teria unificado o Mediterrâneo pela primeira vez em séculos.

Mas não foi só a partir do Oriente que se tentaram restaurar a unidade do mundo sob a influência da ideia romana de império:

- Os czares, enquanto sucessores dos imperadores romanos orientais em Bizâncio, promoveram o pan-eslavismo, ou seja, os esforços de unificação da raça eslava na Europa Oriental, e nunca esqueceram a sua reivindicação a Bizâncio e ao acesso ao Mediterrâneo. Até hoje, esta é uma constante da luta imperial russa pelo poder, que nem o bolchevismo - embora por razões diferentes - alterou.
- O cristianismo católico, base de toda a cultura e domínio medievais, ainda se designa por "católico romano" e exige a submissão ao Pontifex Maximus romano, o bispo de Roma. Numerosas cruzadas, grandes e pequenas, não só forçaram temporariamente os chamados "Lugares Santos" na Palestina a ficar sob o poder ocidental romano, como até subjugaram Bizâncio durante algum tempo.

Napoleão, que se autodenominou sucessor de Carlos Magno e se fez imperador do Ocidente, não só fez a guerra no Egipto, como deu ao seu filho o título simbólico de "Rei de Roma", reclamando assim para si e para os seus herdeiros no trono im-

perial o domínio da tradição romana.

No entanto, os verdadeiros herdeiros do Império Romano foram e são os povos germânicos. O Sacro Império Romano-Germânico da Nação Alemã existiu até 1805. Tanto o Segundo Império dos Hohenzollern como o Terceiro Império lutaram, sem sucesso, por um grande império mundial que, em caso de vitória, teria englobado a Europa Ocidental e Oriental, a Turquia, a Pérsia e a Arábia sob o domínio alemão - por outras palavras, a área que ainda hoje consideramos ser o habitat do nosso povo. Mesmo que só alguns tenham tido consciência disso: **esta batalha colocou-nos e inscreve-nos na tradição de milénios!**

O tempo da expansão violenta do poder, dos grandes conquistadores, terminou. Durante séculos, árabes e otomanos, eslavos, romanos e tribos germânicas esforçaram-se, consciente ou inconscientemente, por estabelecer um império mundial, como o dos romanos, pela força e assim restabelecer a antiga unidade. Actualmente, nós, os nacional-socialistas, representamos a ideia do Reich, que nos permitirá um dia voltar a fazer política de poder mundial e desafiar o poder do sionismo. Mas até agora apenas um fundamento para a unidade das raças e povos do globo romano se tornou visível: A história comum na antiguidade e as constantes tentativas de restaurar a unidade perdida.

É claro que isso, por si só, não é suficiente. Nenhuma política actual pode ser construída com base numa época passada, da qual apenas alguns ainda têm conhecimento. Quais são, então, os interesses e objectivos comuns dos povos mencionados?

1. o sionismo - a luta contra o inimigo mundial comum.

Nada favorece e reforça tanto a amizade dos povos e das raças como um inimigo comum. Mas o inimigo principal de todos os povos da região árabe-europeia é o sionismo, que, através da proclamação do internacionalismo, do capitalismo e do comunismo, tenta escravizar as nações que despertam. Quer queiramos quer não :

Uma Alemanha nacional-socialista renovada, unindo as nações da Europa numa comunidade ariana de povos, verá inevitavelmente o sionismo como um inimigo amargo diante de si. Por isso, todos os povos brancos e germânicos da Europa Ocidental estão lado a lado na luta anti-sionista pela liberdade e sabem da necessidade da unidade de todas as forças nacionais.

O mesmo se aplica aos povos eslavos da Europa de Leste. Em alguns deles - por exemplo, polacos, romenos, croatas e russos - vivem fortes correntes anti-semitas cuja força nem os governos comunistas conseguem ignorar.

Não é nossa tarefa ditar a ordem política às nações da Europa de Leste. Mas é claro que acompanhamos com simpatia todos os esforços de liberdade na esfera de poder comunista. Após a sua libertação, estas nações irão provavelmente procurar um caminho político comum para uma nova ordem, cuja base será o anti-sionismo - sempre pensado também como anti-capitalismo e anti-comunismo - e a unidade eslava - o pan-eslavismo.

Não queremos ditar ou impor nada a estes povos - eles moldarão o seu destino na sua própria liberdade e soberania nacionais. Terão também de decidir de forma independente se a grande potência eslava - a Rússia - continua a ser a potência suprema ou não. Mas com base na unidade eslava, que reconheceu o destino comum de todos os brancos e se vira contra a praga mundial, a Nova Ordem pode ser moldada em toda a Europa e a ideia de império pode ser concretizada.

Qualquer pessoa que tenha estudado um pouco as correntes oposicionistas, especialmente na União Soviética, sabe que não se trata de sonhos e especulações vãs: Existe um nacionalismo russo que tem muitos pontos de contacto com as ideias fascistas e nacional-socialistas. É este nacionalismo russo, cujas bases são a consciência racial branca, o pan-eslavismo e o anti-sionismo, é provavelmente o mais forte movimento de oposição na URSS actualmente. Neste contexto, refiro-me sobretudo ao "Manifesto dos Patriotas Russos", que circula clandestinamente desde 1971.

As restantes nações do habitat árabe-europeu - otomanos, persas e árabes - estão unidas pelo laço comum da religião islâmica. O Islão é a força espiritual e política mais forte desta região. O Islão é o aliado natural de uma Europa Nacional-Socialista!

Ninguém precisa de ensinar à nação árabe o anti-sionismo. O roubo de terras aos judeus na Palestina é demasiado doloroso. Também no Irão e na Turquia, a crescente influência do Islão está a conduzir a uma frente mais forte contra o sionismo. Uma Alemanha nacional-socialista encontrará amigos leais e fiáveis em todo o lado, porque - ao contrário da actual União Soviética - apoiar estes povos na sua luta anti-sionista é um assunto que nos é caro. Não pode haver dúvidas sobre a sinceridade e a determinação da inimizade entre o nacional-socialismo e o sionismo!

O nacional-socialismo une os povos da Europa do Leste e do Oeste, o Islão os do Oriente. Ambos reconhecem no sionismo o seu inimigo mais perigoso. Este é o segundo elemento que une o espaço de vida europeu-árabe.

2. frente mundial nacionalista - a luta contra a exploração e a opressão.

Sob a bandeira do não-alinhamento, do Terceiro Mundo e da luta entre países em

desenvolvimento e países industrializados, formou-se gradualmente nos últimos vinte anos uma frente mundial nacionalista que luta contra a exploração e a opressão. O nacional-socialismo é extremamente crítico em relação às actividades desta frente mundial no seu estado actual. Expliquei as razões para isso em pormenor no capítulo sobre a comunidade ariana de nações.

É verdade que o nosso ódio aos sistemas dominantes do Leste e do Oeste nos faz ver a frente mundial nacionalista como um possível aliado contra o sionismo, o capitalismo e o comunismo. - Mas, por outro lado, não podemos encontrar-nos subitamente do lado errado da frente na luta racial, apoiando as reivindicações dos países em vias de desenvolvimento e acelerando assim o fim da raça branca. Estamos perante um conflito de interesses que só pode ser resolvido se não tratarmos os países em vias de desenvolvimento como uma entidade única, mas estabelecermos com alguns deles relações especiais que sejam do nosso interesse mútuo.

Por exemplo, teria sido correcto, no sentido da raça branca, se os EUA tivessem tratado a América do Sul e Central de forma sensata e a tivessem desenvolvido mais, em vez de a deixarem degenerar na miséria para depois a poderem explorar confortavelmente. Uma Europa sob a direcção alemã tem de evitar esta política criminosa em relação aos povos do seu habitat e estabelecer com eles uma relação especial.

No entanto, o nosso espaço vital abrange toda a Europa, o mundo árabe, a Pérsia e a Turquia, e a ideia de império é adequada para estabelecer uma nova frente mundial nacionalista destes povos. Uma aliança estreita entre o Ocidente e o Oriente pode transformar-se na mais forte potência da Terra. O Islão é a única força espiritual que em parte alguma contradiz o nacional-socialismo e o fascismo, mas complementa estes ideais.

O conhecimento e o nível técnico da Europa e as reservas naturais do Oriente assegurarão, em conjunto, a prosperidade desta região e dar-lhe-ão um carácter permanente. A opressão e a exploração dos bandidos internacionalistas pertencerão ao passado. O círculo de vida árabe-europeu é a potência mundial do futuro.

3. a Terceira Via - luta contra o capitalismo e o comunismo.

No entanto, a unidade do espaço de vida europeu-árabe não será apenas um poder regulador, mas também um contrapeso ideológico ao materialismo. O nacional-socialismo e o Islão não só têm em comum o seu resolute anti-sionismo, como também estão unidos na sua posição contra o capitalismo e o comunismo. É interessante que a exigência nacional-socialista de quebrar a escravatura dos juros encontre a sua contrapartida nos mandamentos do Profeta Maomé. Mas a economia de juros está no cerne do sistema económico capitalista.

A posição anticomunista de base do mundo islâmico é também indiscutível. Ninguém se deve deixar enganar pela influência soviética, temporariamente forte, nesta região:

As nações árabes tiveram de se virar para a URSS porque os EUA, totalmente controlados pelos sionistas, estão a apoiar unilateralmente o Estado judaico. Mas há uma grande decepção com a ajuda vacilante e indecisa dos comunistas. Uma Alemanha nacional-socialista poderá quebrar rapidamente a influência soviética no mundo islâmico, porque é um aliado credível e corajoso.

4. a lógica geopolítica.

A ideia imperial da unidade do Ocidente e do Oriente tem os seus fundamentos na tradição histórica. As nações desta região têm inimigos comuns - sionismo, capitalismo, comunismo - e reconhecem os seus pontos de contacto ideológicos - nacionalismo, völkisch, socialismo não marxista. Foi isto que estabelecemos até agora. Tudo isto, em conjunto, sugere já a comunidade dos dois círculos culturais. O factor decisivo será, no entanto, a lógica geopolítica:

A região - Europa Ocidental e Oriental, Turquia, Irão e Arábia - tem todas as características de um espaço de vida seguro e promissor. O homem e a tecnologia, a economia e a indústria, a agricultura e as matérias-primas, a cultura e a civilização, a tradição e os interesses comuns, o conhecimento e a experiência. Tudo está presente em alto grau e pode levar a um novo florescimento numa unidade frutífera. Este é o habitat natural dos alemães. Como herdeiros de Roma, os povos germânicos, sob a liderança alemã, estão novamente a levar a sério a sua missão histórica. O Ocidente e o Oriente pertencem um ao outro.

O nacional-socialismo e o Islão são os pilares do novo império. Um império europeu ressurgiu, cresce e torna-se um império mundial e assegura o futuro do nosso povo!

É claro que esta evolução terá de se processar durante um longo período de tempo. Neste contexto, estou a formular deliberadamente ideias a longo prazo, sem ter em conta as actuais possibilidades de concretização. Afinal de contas, trata-se de desenvolver objectivos para o próximo milénio e de dar sentido e esperança à nossa vida nacional e étnica. A resposta à necessidade de assegurar um espaço de vida suficiente para o povo alemão reside na criação de um império europeu, cujo fundamento já não será o catolicismo, como outrora, mas o nacional-socialismo.

O interesse da Europa Ocidental na ideia imperial é assegurar o fornecimento de matérias-primas e recuperar a posição europeia no mundo. Para a Europa de Leste,

a ideia imperial é o caminho para a libertação das restrições desumanas do bolchevismo. Para o mundo islâmico, é a oportunidade de sair da pobreza e do atraso, de se libertar dos opressores capitalistas e comunistas e de conduzir o Islão a um novo florescimento. Assim, os povos germânicos, eslavos e maometanos têm, cada um por si, interesse em estabelecer uma ligação estreita com esta região. Deste interesse comum nascerá uma aliança estreita, cuja forma e contornos ainda não estamos em condições de referir. Nós, alemães, já não precisamos de conquistar pela força o nosso espaço vital:

Tal como o nacional-socialismo não nacionaliza a indústria porque o seu poder de disposição sobre a economia lhe é suficiente, também não precisa de conquistar o espaço vital pela força, se o povo alemão é, de qualquer modo, a força formadora na região e se a unidade do espaço vital europeu-árabe por que lutamos é do interesse de todos os povos envolvidos.

A ideia de império - é uma tradição antiga na história do Ocidente e do Oriente, mas ao mesmo tempo é uma ideia nova e revolucionária para lidar com o futuro.

Tentei clarificar o que significa esta ideia de império. Não se trata de um disparate nostálgico ou de uma fantasia irreal: trata-se da constatação de que o espaço árabe-europeu é o habitat natural do povo alemão, de que o nacional-socialismo e o Islão, em conjunto, representam um enorme factor de poder e podem mudar o mundo. Em nome de Roma, esta unidade já existe há muito tempo. Para nós, a nova ideia de império é o grito de guerra da nova ordem nesta região!

